

A INCOMPREENSÃO DE SER UM DEPENDENTE QUÍMICO

Patrícia de Castro Faria – Centro Universitário Newton Paiva/ BH
Wânier Ribeiro – Orientadora da pesquisa

Resumo

Este trabalho aponta questões relativas a um caso clínico, acompanhado na Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e ao Tratamento da Toxicomania – CAMT, tendo como eixo teórico norteador a abordagem fenomenológica-existencial. O caso em questão foi acompanhado na prática de estágio em Psicologia, tendo como objetivo suscitar questões existenciais, percebidas ao longo dos atendimentos psicoterapêuticos. Para isso foram eleitos, principalmente, os temas relativos à compreensão, angústia, disposição afetiva, abertura, queda e os aspectos do ser-no-mundo. Foram usadas como fundamento a teoria de heideggeriana, assim como as contribuições de autores como Forghieri, Ribeiro, entre outros.

Palavras Chaves: fenomenologia, dependência química, compreensão.

Abstract

This research is about a clinical case followed in the Multidisciplinary Treatment Clinic of Preventing and Treating of Toxicomania – CAMT, which the fenomenologic-existencial approach was used. The clinical case in question was followed in the Psychology period of training, that had as principal goal to excite existential questions, observed thorough psychotherapeutical sessions. For this, existential subjects were selected. The heideggeriana theory was used as base, such as the contributions of the authors Forghieri, Ribeiro, and so on.

DESCRIÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA DE MR

M.R., trinta e dois anos, sexo masculino, auxiliar de enfermagem, casado, e tem um filho de três anos. O cliente conheceu a CAMT por meio de uma amiga de sua esposa, que é estagiária da clínica. Durante a entrevista inicial ele relata que a procura pelo tratamento se deu em função de prejuízos financeiros, pois tem obtido dívidas após gastar grande parte do seu salário na compra de drogas. Percebe prejuízos na relação conjugal e declara que tem medo de perder a família por algum motivo relacionado à droga. E, ainda, menciona que deseja criar o filho fora deste contexto.

De acordo com as informações adquiridas, M.R começou a utilizar drogas aos 15 anos e acredita que foi por influência de amigos, tendo início com o álcool. Relata também ter utilizado maconha durante dez anos. O cliente fez uso de cigarro aos vinte anos de idade, mantendo-se abstinente há sete anos. Já experimentou cocaína, cola e thinner. Em outubro de 2004 iniciou o uso de crack, juntamente com a maconha, porém manteve-se abstinente por alguns meses e em fevereiro de 2005 teve uma recaída, quando passou a usar o crack na forma pura. O cliente menciona que a recaída ocorreu após ingerir dois comprimidos do medicamento Rivotril para aliviar o cansaço. Relata que no dia seguinte estava se sentindo estranho, “aéreo”, utilizando a droga novamente. M.R. revela que após esta recaída percebe que está mais difícil manter-se abstinente, afirmando que nunca havia deixado que a droga lhe dominasse. Diz: *“Com a recaída, foi o início da queda de novo”*. O cliente relata que, a partir desse acontecimento, pede auxílio à esposa para conseguir um tratamento para dependência química.

No primeiro atendimento, o cliente descreve o casamento como ótimo, segundo ele o que dificulta a relação conjugal é o seu envolvimento com as drogas. Entretanto, diz ter contado à esposa sobre a utilização de drogas, não somente para pedir auxílio, mas devido à desconfiança da mesma. Esta acreditava que M.R. estava lhe traindo, pois ocorriam constantes saídas da

residência sem nenhuma explicação. A partir disso, ela começou a procurar tratamentos de dependência química, quando marcou uma consulta na CAMT. O cliente, em outro momento, menciona que ao chegar em casa após a utilização do crack, conta à esposa sobre o uso e diz gostar quando a mesma o adverte, briga e o reprime. *“Eu gosto quando ela briga comigo, quando eu faço alguma coisa de errado”*. Relata que acharia estranho e ruim se ela não dissesse nada a respeito do seu uso de drogas. *“Se ela fala é porque ela se preocupa comigo”*. Refere-se a mãe e a esposa como sendo as pessoas que estão lhe apoiando neste momento.

M.R. acredita que o fato do pai ter abusado do álcool não tem relação com o seu uso de drogas, salientando que ele nunca foi uma pessoa presente para poder provocar isso. Entretanto, teme que o seu envolvimento com as drogas influencie o seu filho, pois segundo o cliente, a criança o admira e o respeita. Diz *“Nossa relação é ótima”*. O que justifica como um dos motivos para tratar-se na CAMT.

No decorrer do processo, pôde-se perceber que M.R. transfere para os outros os motivos de estar fazendo o tratamento de dependência química. *“Eu sei porque eu quero sair disso, é por causa da minha mãe, que fica muito triste, da minha esposa, do meu filhinho e também porque eu estou cheio de dívidas”*. Percebe-se que o cliente não se coloca como sendo o principal motivo do tratamento, são sempre os outros, a esposa, a mãe ou então as dívidas que o levam a buscar a abstinência das drogas.

O cliente, nos primeiros atendimentos, relata que usa a droga por costume e diz *“se eu quiser eu fico sem usar droga, numa boa”*. M.R. diz que normalmente usa o crack depois do expediente de trabalho e quando não tem nada para fazer. Na maioria das vezes, M.R. menciona que antes de usar a droga, normalmente, está sozinho em casa e se questiona se seria bom ele pedir ajuda a uma outra pessoa, quando sentisse vontade de utilizá-la. *“Talvez a pessoa falando alguma coisa pode me ajudar, pode me segurar pra eu não fazer nada”*. Relata não se considerar dependente químico, pois considera dependente aquele que não consegue trabalhar, estudar, ou seja, aquele que vive em função das drogas. No entanto, em um dos atendimentos, após conversamos sobre as diferenças conceituais entre uso, abuso e dependência, M.R. se reconheceu como um dependente químico, mas, ainda apresenta os motivos anteriores para a continuidade do tratamento. *“É, eu tenho que fazer esse tratamento, eu estou no ‘vermelho’, e eu não quero que o meu filho cresça e me veja assim.”*

Nos últimos atendimentos, M.R. tem vislumbrado a religião como um caminho possível para abster-se das drogas. Percebe que quando vai à igreja ou ao culto, sente-se mais protegido e fortalecido sentindo-se distante das drogas.

CARACTERÍSTICAS ONTOLÓGICAS DO EXISTIR DE MR

Para a abordagem fenomenológica existencial o ser humano depende imediata e constantemente de um questionamento do Ser. Um ente que indaga ou questiona o Ser, interrogando em primeiro lugar o seu próprio *Sein* é um *Da-Sein*, assim é um “ser-aí”, um “é-aí” e “aí” significa o mundo real e cotidiano. “O ser humano é um ser-no-mundo, e o ser-no-mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e às pessoas que encontra” (FORGHIERI, 1993, p. 281)

Uma das características ontológicas fundamentais do existir é a disposição afetiva ou humor que funda-se no estar-lançado. “A consonância com o humor coloca a pre-sença diante de seu estar-lançado de tal maneira que o estar-lançado não é reconhecido como tal, abrindo-se, bem mais originariamente, no ‘modo em que se está’” (HEIDEGGER, 1989, p. 137). No entanto, pela disposição afetiva não é visto somente o que eu sou, mas o que devo ser. Assim, o humor é a visualização de possibilidades para o futuro, visando a busca de auto-realização. Em M R percebe-se um comprometimento quando planeja o futuro de acordo com as possibilidades encontradas pelos outros, principalmente apontadas pela esposa, não buscando a auto-realização. Isto pode ser observado quando diz *“Eu estou aqui por causa dela....ela quem procurou tratamento para mim”*. Deste modo, a esposa visualiza o “caminho”, o tratamento, a ser traçado por MR. e este se apropria da possibilidade imposta pelo outro. Heidegger (1989) nomeia este modo de ser como queda ou inautenticidade subjetiva, que será tratado posteriormente.

De acordo com Heidegger (1989), o humor realiza abertura. E tal abertura é a ‘condição da liberdade humana’, pois é ela quem proporciona a amplitude das possibilidades de escolha. “A abertura para as minhas possibilidades e os meus projetos faz parte integrante do meu existir, propiciando-me vivenciar a liberdade tanto para mantê-lo na mesma direção, como para mudá-lo completamente” (FORGHIERI, 1993, p.50). Assim a esposa de MR. visualizou possibilidades para o futuro do marido, ao buscar tratamentos de dependência química. Isso proporcionou uma abertura para o cliente, no sentido de iniciar o tratamento na CAMT. Porém, a abertura requer que a compreensão de si esteja de acordo com a realidade, senão aquela se torna ilusão. Percebe-se que houve uma abertura de MR. para realizar o tratamento proposto pela esposa, mas isto se torna ilusão quando não há uma compreensão de sua própria vivência. “Compreender o mundo e a si próprio equivale à adaptação e, ao mesmo tempo, à transformação da situação da realidade vivida pelo indivíduo” (RIBEIRO, 2003, p. 579). O cliente apresenta a abertura, iniciando o tratamento, mas isto se torna ilusão, devido à incompreensão de sua realidade e, conseqüentemente, não conseguindo transformá-la. Isto ocorre porque nega a sua vivência de ser um dependente químico. Nota-se isso quando em um dos atendimentos diz “*De maneira alguma eu sou dependente químico... não me considero*”. “Esta vivência de distanciamento dificulta-lhe ou impede, temporariamente, de se envolver nas situações e conseqüentemente, de compreendê-las, ou de lhes atribuir significado em sua existência”.(FORGHIERI, 1993, p. 54)

M.R. nega esta sua vivência real de ser dependente químico por ser extremamente angustiante para ele viver sem o consumo de drogas. “A fuga de ser-si mesmo está relacionada com a não aceitação da angústia ontológica-existencial diante da condição de existente” (RIBEIRO, 2003, p.581). O homem é um ser angustiado que, por sua finitude, está no mundo em completo desamparo. “A angústia ocorre no momento do aparecimento de alguma potencialidade ou possibilidade diante do indivíduo, alguma probabilidade de preencher sua existência; mas essa possibilidade implica a destruição da segurança atual, que por sua vez provoca a tendência de rejeitar a nova potencialidade” (MAY, 2000, p.123). A partir, desta angústia frente ao aparecimento de novas potencialidades, a dependência ao uso de drogas surge para M.R como uma das possibilidades de alívio de seus conflitos existenciais, e ao mesmo tempo, surge como uma negação da condição real que se encontra, ser dependente químico, isso o ampara, a partir do momento, em que não se confronta com a destruição da segurança atual.

O sujeito ao rejeitar a nova potencialidade ou possibilidade renuncia à própria liberdade, permitindo interferências estranhas na sua vontade que o torna inautêntico por negar e trair a si mesmo, ou seja, há uma queda, que pode ser considerada subjetiva ou objetiva (RIBEIRO, 2003, p.582). A inautenticidade objetiva acontece quando o “*Dasein* se entrega à circunvisão do mundo e aos seus objetos, comprometendo as demais relações” (RIBEIRO, 2003, p.582). Neste sentido, a droga é o objeto eleito por MR. com a função de diminuir os conflitos e angústias. Já a inautenticidade subjetiva constitui-se “na relação de dependência que o *Dasein* estabelece e mantém com os outros seres humanos” (RIBEIRO, 2003, p. 582). M.R demonstra dependência subjetiva, principalmente, em relação à esposa. Ele necessita que o outro decida e escolha por si. Em uma das sessões diz “*Estou fazendo o tratamento por causa da minha mulher, da minha mãe e do meu filho*”. Em um dos atendimentos relata que ao sentir vontade de usar a droga, não diz a ninguém sobre o seu desejo, mas, se contar a alguém sobre o desejo de utilizar, isso pode ajudá-lo. Isto, de certa forma, pode revelar a sua carência em relação aos outros semelhantes. Sente-se aliviado e não necessita da droga se consegue falar de si, de seus sentimentos para um outro. Porém a sua relação com o outro se encontra comprometida, uma vez que transforma em categoria de adaptação. O outro não é relação, ao contrário, é determinação de seu existir.

No caso de M.R. “o ‘eles’ apresenta todo o julgamento e toda a decisão como sua própria, priva o particular *Dasein* de sua responsabilidade” (STEINER, 1982, P.81). Percebe-se isto quando M.R diz ter sido a esposa quem procura a clínica, trazendo-o para o tratamento, se não fosse esta, ele não estaria na clínica. De acordo com Steiner (1982) o *Dasein* inautêntico não vive como si mesmo, mas como ‘eles’ vivem, assim vivencia um alheamento de si.

Com base nos pontos levantados, buscar-se-á compreender os aspectos do ser-no-mundo do cliente.

De acordo com Boss, citado por Forghieri (1993, p.28) “ser-no-mundo consiste na maneira única e exclusiva do homem existir, se comportar e se relacionar às coisas e as pessoas que encontra...”. M.R apresenta comprometimentos nos três aspectos do ser-no-mundo, Umwelt (Mundo circundante); Mitwelt (Mundo humano) e Eigenwelt (Mundo próprio). UMWELT é o mundo ao redor, referindo-se as condições externas, abarcando “tudo aquilo que se encontra concretamente presente nas situações vividas pela pessoa, em seu contato com o mundo...Dele faz parte, também, o nosso corpo, suas necessidades e atividades” (FORGHIERI, 1993, p.29). Conforme Merleau-Ponty, citado por Ribeiro (2003) o corpo, sendo o meio permanente de o homem ‘tomar atitudes’ é também o meio de ele comunicar-se no tempo e no espaço. O que importa é a maneira pela qual cada um faz uso de seu corpo. M.R elege o corpo como objeto de destruição, intoxica-o visando a negação de experiências no mundo, ou ainda demonstrando como o percebe. “Dessa maneira, demonstra para si quanto para os outros, pela corporeidade, o desprazer e sem sentido de sua existência” (RIBEIRO, 2003, p.575). Enfim, o corpo é o primeiro espaço existencial, já os outros espaços são construídos, a partir, do corpo e são extensões do ser-no-mundo.

Ser-no-mundo é sempre ser-com-os-outros. Esta relação do homem com os outros seres humanos refere-se ao mundo humano, MITWELT. De acordo com Augras (2002), os outros são aqueles dos quais a gente não se distingue e entre os quais se encontra também. No entanto, pode acontecer de uma pessoa deixar-se submeter à outra, para não assumir a responsabilidade de suas próprias decisões, passando a categoria de relação a de adaptação ao outro. Percebe-se que M.R designa aos outros, o comando de sua vida. Desta maneira deixa a esposa assumir a condução da mesma. Coloca “*Eu disse a ela que estava usando droga, então ela começou a procurar na internet*”. M.R submete-se aos desejos da esposa e com isto acredita não ser necessário assumir as responsabilidades de suas decisões. Outra questão marcante em MITWELT é o que se refere à relação com seus pais. M.R diz que sempre faltou afeto, carinho e diálogo por parte destes. Define a mãe como uma pessoa passiva e de pouca conversa, mas o diálogo é maior com essa do que com o pai. Em relação ao pai, M.R descreve-o como uma pessoa passiva, sendo o relacionamento distante e sem afeto. Apesar do cliente relatar o pai como sendo uma pessoa passiva, menciona que este só “fazia algo” quando chegava alcoolizado em casa, referindo-se às ocasiões em que o pai agredia fisicamente a mãe, fato que presenciou algumas vezes. Entretanto, o pai de M.R está abstinência do álcool há dezoito anos. M.R acredita que “o fato deste ter abusado do uso de álcool não provocou influencia em relação ao seu uso de drogas, uma vez que teve um pai ausente”. O cliente não percebe que esta ausência do pai, ou da função paterna, pode tê-lo influenciado em sua condição atual. No entanto, busca na relação com os outros, especialmente com a esposa, o limite que não lhe foi fornecido anteriormente. Relata “*Eu gosto quando ela briga ou xinga, quando eu faço alguma coisa de errado... se ela fala é porque ela se preocupa*”. O cliente nomeia como coisa errada a utilização de drogas. Busca na relação com a esposa o limite, mas também a atenção e o carinho, ausentes no relacionamento com os pais. Assim, M.R permite aos outros conduzirem a sua vida, sendo para ele uma demonstração de afeto, que possivelmente faltou naquela relação.

Entretanto, Heidegger citado por Augras (2002) chama atenção para o fato de que mesmo sem a presença do outro, o ser no mundo é ser com os outros. Estar só é estar privado do outro, num modo deficiente da coexistência, que constitui uma das estruturas do ser-no-mundo. M.R menciona que ao anteceder a utilização da droga encontrava-se sozinho e ‘sem nada para fazer’. Diz “*Eu não consigo ficar sentado, sem nada para fazer, então depois de um tempo, eu vou lá e uso a droga*”. Observa-se, a partir deste relato, um comprometimento em seu mundo próprio, EIGENWELT, que consiste na relação que o indivíduo estabelece consigo, ou seja, a consciência de si mesmo, e o auto-conhecimento (FORGHIERI, 1993). O cliente demonstra que necessita dos outros, tanto da presença, quanto da imposição de limites, para se sentir “amado”. Ao permanecer só é ‘convocado’ a fazer uma reflexão de si mesmo. O cliente ao se deparar consigo, busca algo externo a ele, no caso a droga, para tentar fugir de sua liberdade e consequentemente de sua angústia. EIGENWELT, consiste na capacidade de consciência de si que implica a autotranscendência: esta é a capacidade do ser humano transcender a situação imediata, ou em outras palavras, permitir ao ser humano tanto voltar para o passado quanto para

o futuro (FORGHIERI, 1993). Enfim M.R necessita de um outro para se sentir amado e na falta deste depara-se com consigo mesmo, trazendo angústia o que o leva a buscar a droga. Para Forghieri (1993) existir e transcender significa lançar-se para fora, ultrapassar a situação e quer dizer também temporalizar. Isso se estende em relação ao passado ou ao futuro, com amplitude ou restrição. “O tempo pode, as vezes parecer monótono e desprovido de sentido, como se a existência fosse uma repetição contínua de momentos iguais, envolvendo-nos num insuportável tédio” (FORGHIERI, 1993, p.42) Através dos relatos de M R percebe-se que há uma repetição contínua de momentos iguais, quando diz “*è na verdade eu fraquejei de novo, tive uma recaída.... estou cansado disso*”, o que caracteriza uma vivência circular do tempo. Em relação à visualização de possibilidades para o futuro, observa-se uma restrição, pois as possibilidades de prosseguir a existência são dadas pelos outros e não por ele mesmo. Porém, a maneira de vivenciar as situações é sempre acompanhada de algum sentimento de agrado ou desagrado. No último atendimento, M.R estava abstinente há uma semana e encontrava-se mais confiante em relação ao seu futuro, demonstrando possibilidades para o mesmo. Diz “*Eu sinto que quando eu vou a igreja ou ao culto eu me sinto mais em paz, não pensando em drogas*”. Entretanto, deve-se atentar que a religião também é “algo externo” que estará fazendo a função deste outro, de impor limites e regras.

APONTAMENTOS FINAIS

M.R foi desligado da clínica devido às várias faltas em diversas consultas de todas as áreas. Propôs-se a entrar na fila de espera para ser chamado, posteriormente, para o tratamento, o que, talvez, possa auxiliá-lo a refletir sobre sua implicação num possível retorno ao mesmo. Elucida-se que o início do tratamento do cliente não tenha acontecido em um momento muito adequado para ele, já que lhe faltava o primordial: abertura para uma possível compreensão do ser-si-mesmo.

BIBLIOGRAFIA

- AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. 2002, 10. ed. Editora Vozes. Petrópolis.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia Fenomenológica*. Editora Pioneira. São Paulo, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1989. Tradução de Márcia de Sá.
- MAY, Rollo. *A descoberta do ser*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- RIBEIRO, Wânier A. *Identificação precoce do alcoolismo: uma estratégia Interdisciplinar de Prevenção*. In: _ Iniciação Científica Newton Paiva. 2002-2003. Belo Horizonte: Newton Paiva, 2004.
- STEINER, George. *As idéias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix, 1982.